

ENQUANTO

HOUVER

MAR

LUCIENE RODRIGUES

ENQUANTO

HOUVER

MAR



Copyright © Grupo Editorial Coerência, 2026

Copyright © Luciene Rodrigues, 2025

Todos os direitos desta edição reservados ao Grupo Editorial Coerência.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida através de

qualquer meio existente sem a autorização prévia da editora.

DIREÇÃO EDITORIAL

Lilian Vaccaro

PRODUÇÃO GRÁFICA

Giovanna Vaccaro

REVISÃO

Amanda Uhrigshardt

CAPA

Décio Gomes

DIAGRAMAÇÃO

Michael Vasconcelos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Rodrigues, Luciene

Enquanto houver mar / Luciene Rodrigues – 1ª edição –

São Paulo: Coerência, 2026

ISBN: 978-85-5327-327-0

CDD: 869.1

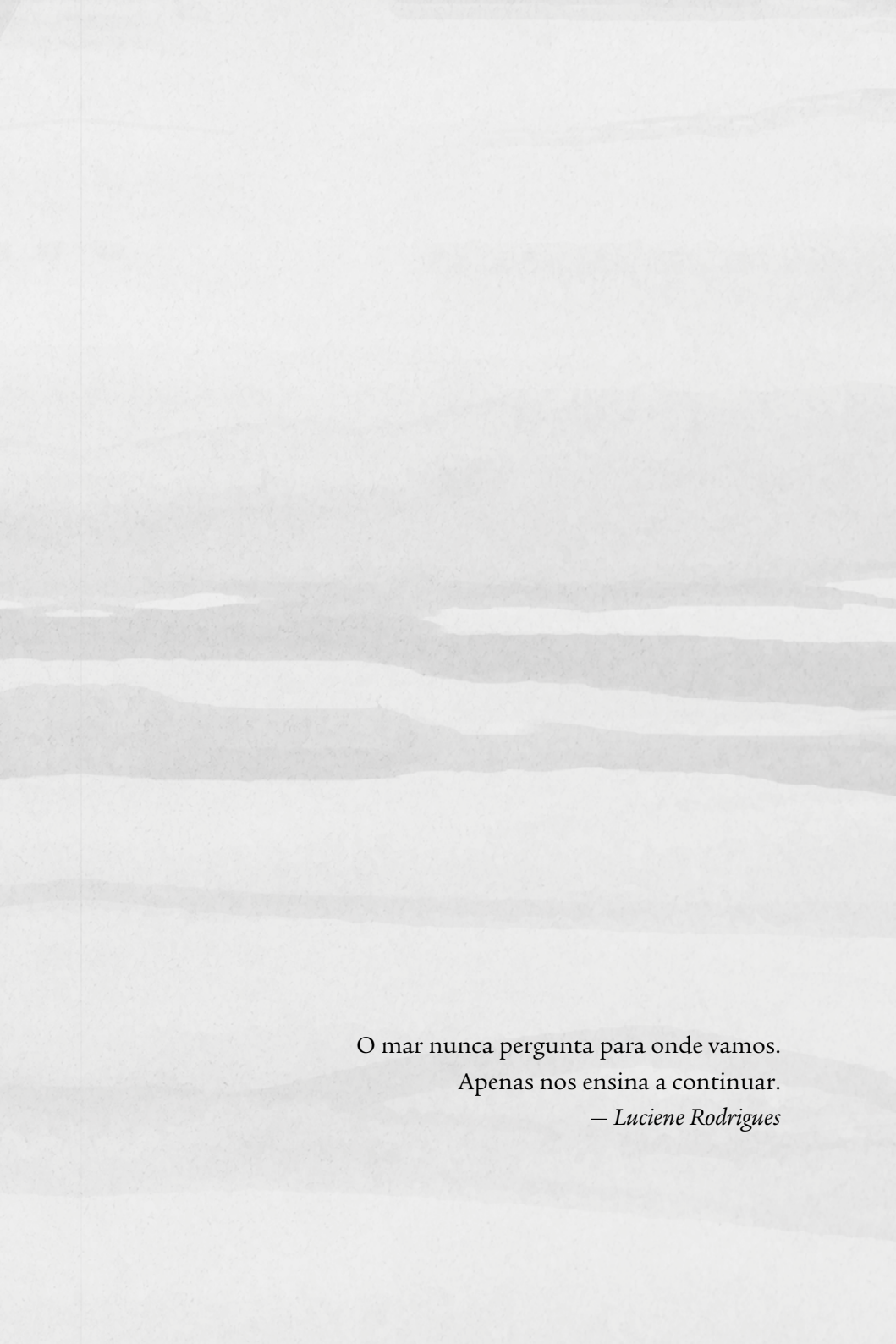
Índices para catálogo sistemático:

1. Poema brasileiro I. Título



Centro Empresarial Jaguari
Av. Marcelo Stefani, 15 - Módulo 47
Bragança Paulista - SP | 12914-490

www.editoracoerencia.com.br



O mar nunca pergunta para onde vamos.
Apenas nos ensina a continuar.
— *Luciene Rodrigues*

Para Ricardo José Zimmer.

PRELÚDIO

Antes da Partida: Manifesto da Travessia

Antes de qualquer palavra, houve silêncio.

Antes da primeira onda, houve espera.

Este manifesto nasceu do que se aprende quando

se navega com o coração exposto ao vento.

É mais do que um texto de abertura — é um lembrete

do que sustenta cada travessia contada neste livro:

o equilíbrio entre o impulso e a escuta,

entre o avanço e o repouso,

entre o Capitão e o Leme.

Que ao ler, você se encontre —

ou ao menos reconheça o chamado das suas próprias águas.

A vida é mar.

Mutável, profunda, bela e violenta.

E cada homem é lançado a ele como Capitão do próprio navio —

convencido de que comandar é conduzir,

de que força é direção,

de que vontade basta.

O Capitão acredita que o mundo se curva à sua bússola.

Avança com coragem, com desejo, com fome.

Grita ordens ao vento, crava estandartes no tempo.

Ele quer chegar — a qualquer custo.
Quer nomear as ilhas, conquistar as margens,
ser lembrado pela travessia.
Mas há um segredo silencioso que mantém sua jornada viva:
o Leme.
E o Leme tem forma de mulher.
Não como apêndice.
Não como objeto.
Mas como princípio.
Ela não conduz com palavras,
mas com presença.
Não impõe o rumo,
mas escuta o murmúrio das correntes,
a linguagem invisível das águas.
Enquanto o Capitão força o avanço,
O Leme sente o tempo de virar.
Ele acredita no mapa;
ela lê o céu.
Ele desafia as ondas;
ela compreende a maré.
Ele busca o destino;
ela entende o porquê da partida.
Sem o Leme, o Capitão se perde em círculos —
não importa a potência dos ventos,
o tamanho da vela,
ou a firmeza do casco.
Ela é direção sem domínio.
Ele é ação sem repouso.

E é nesse paradoxo que a vida se equilibra:
Quando o homem aprende que guiar não é controlar,
e a mulher entende que permitir não é se render.

O Capitão precisa do Leme —
não para seguir,
mas para saber onde seguir.
E o Leme precisa do Capitão —
não para existir,
mas para transformar visão em travessia.

Porque juntos,
quando há respeito e escuta,
não navegam apenas mares —
navegam destinos.

Enquanto houver mar, haverá travessia.

E enquanto houver travessia, haverá reencontro.

Nota da Autora

Escrevi este livro com os pés na terra —
mas com o coração no mar.

Durante muito tempo me perguntei o que é o amor.

Se é porto ou travessia.

Se é descanso... ou movimento.

Com o tempo, entendi algo simples e profundo:
o amor verdadeiro não vem para nos poupar das tempestades.

Ele vem para nos ensinar a navegar.

Este livro não é apenas uma história sobre duas pessoas.

É uma história sobre encontros.

Sobre perdas.

Sobre aquilo que em nós precisa se quebrar
para que algo mais verdadeiro possa nascer.

Talvez, em algum momento dessas páginas,
você também reconheça partes de si.

Porque todos nós, de alguma forma,
já estivemos à deriva.

E todos nós, em algum momento,
precisamos reaprender a confiar no mar.

Se este livro chegou até você,
talvez não seja por acaso.

E enquanto houver mar,
sempre haverá esperança.

Com amor,

Luciene Rodrigues

SUMÁRIO

Prólogo	17
Capítulo 1: O Chamado das Águas	19
Capítulo 2: A Voz do Leme	21
Capítulo 3: Tempestades que Despertam	23
Capítulo 4: Ilhas que Prometem e Não Entregam	25
Capítulo 5: Quando o Vento Toca o Papel	27
Capítulo 6: O Choque das Marés	31
Capítulo 7: Vozes do Mar	35
Capítulo 8: Marés que Trazem	37
Capítulo 9: O Mergulho do Reconhecer	39
Capítulo 10: A Preparação do Mar	41
Capítulo 11: Quando o Vento Muda	43
Capítulo 12: Sinais no Horizonte	45
Capítulo 13: Quando os Navios se Olham	47
Capítulo 14: A Última Tempestade	49
Capítulo 15: O Avistamento	51
Capítulo 16: Primeiras Palavras	53
Capítulo 17: As Tempestades Faziam Parte	55

Capítulo 18: O Primeiro Amanhecer	57
Capítulo 19: Marés Internas	59
Capítulo 20: Capitão e Leme	61
Capítulo 21: Terra Firme	63
Capítulo 22: As Pequenas Fendas	65
Capítulo 23: No Olho do Furacão	67
Capítulo 24: O Sopro de Vida	69
Capítulo 25: As Vozes do Silêncio	73
Capítulo 26: O Chamado das Estrelas	77
Capítulo 27: Eternos Navegantes	81
Epílogo: Quando o Mar Descansa Dentro	85
Agradecimentos	87
Posfácio: Quando as palavras são o Leme	89

PRÓLOGO

“Há dentro de nós um oceano antigo. E, às vezes, é preciso naufragar para descobrir que não se afoga quem aprende a respirar com a alma.”

O tempo, por si só, não une almas. É o mar, com suas marés de ausência e silêncio, quem molda o que um dia se torna encontro.

Ele era o Capitão. Tinha no olhar o peso dos mapas e, no peito, o vazio das rotas não traçadas. Navegava por mares que às vezes confundia com fuga, até entender que quem lidera precisa primeiro se perder para se encontrar.

Ela era o Leme. Silenciosa e firme, sentia no corpo a direção que a mente ainda não compreendia. Não guiava o barco com força, mas com presença. E mesmo quando ninguém mais acreditava, ela sabia: o mar não leva quem confia no fluxo.

Durante muito tempo, foram dois navegantes distantes, cada qual em sua própria embarcação de dúvidas, fé, medos e esperanças. Mas o mar... o mar jamais os esqueceu.

Ele os preparou. Com tempestades, desertos, correntes contrárias. Separou-os, não por crueldade, mas por amor à profundidade. Porque certos encontros só florescem quando cada um encontra sua própria costa interior.

E quando, enfim, o instante chegou, não foi com fanfarra nem com destino. Foi com reconhecimento. Como quem olha nos olhos do outro e sussurra: *“eu me lembro de você... mesmo sem nunca ter te visto antes”*.

Esta é uma história sobre um amor que atravessa. Sobre fé em meio à neblina. Sobre o divino que sussurra, mesmo quando tudo em volta grita. Sobre dois que se tornam um — sem deixar de ser inteiros.

É sobre você. Sobre mim. Sobre todos os que ainda acreditam que, enquanto houver mar, haverá caminho.

CAPÍTULO 1

O CHAMADO DAS ÁGUAS

Toda travessia começa com um chamado e, na maioria das vezes, ele não vem em forma de palavras, mas de inquietações.

Não havia terra à vista.

Mas isso pouco importava.

Ele não partira para encontrar terra, partira para encontrar algo. Um norte que não sabia nomear, um silêncio que o chamava há anos, mesmo no meio do barulho das multidões.

A âncora havia sido puxada com fúria, as velas, hasteadas como asas prontas para rasgar o mundo. E o mar o esperava como promessa e sentença.

Chamavam-no de Capitão, mas ele ainda não sabia se era mesmo senhor de si. Era só um homem forjado pelas perdas e pelas promessas não cumpridas, pela ausência de terra firme em sua infância.

Mas também era feito pelo desejo de encontrar algo que fizesse sentido em meio ao caos das rotas que seguiu. Ele comandava seu navio como quem tenta dominar a própria alma: com firmeza demais e um medo disfarçado de coragem.

Cada ordem que gritava ao vento era, na verdade, um eco de perguntas não respondidas. E cada horizonte que buscava romper era uma fuga daquilo que não conseguia olhar dentro de si. Mas, ainda assim, ele zarpava. Sempre zarpava.

Sabia ler estrelas, mapas e correntes.

Sabia prever tempestades.

Sabia tudo... menos onde, de fato, queria chegar.

Navegava de ilha em ilha, de encanto em encanto, acumulando histórias e cicatrizes. As marcas são como troféus de alguém que viveu muito, mas entendeu pouco. Ainda não sabia que o mar não se conquista, o mar se escuta. E ele ainda não sabia escutar.

O Capitão achava que bastava a força da vontade, a rigidez do Leme e a exatidão da rota. À noite, deitava-se no convés, olhando o céu como quem espera uma resposta, e o céu, vasto e mudo, respondia com perguntas ainda maiores.

Em seus sonhos, via um outro navio ao longe. Não sabia o nome e nem a forma, mas o sentia. Era como se algo dentro dele soubesse que, em algum lugar do mar, havia alguém que não vinha para ser terra firme, mas para navegar junto. Ele ainda não sabia, mas ela já existia.

Enquanto ele cortava as ondas com bravura, ela sentia a vibração do mundo em silêncio, em outro ponto da imensidão. Ela era o Leme e ele apenas começava a entender o que era partir.